



GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais – Trabalho 1298

“AQUELA PRETA NÃO É MINHA AMIGA!”: INTERAÇÕES E SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS HAITIANAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM SINOP/MT.

Ivone Jesus Alexandre - UNEMAT

Resumo

O estudo em andamento se insere no interior do repertório epistemológico cunhado como Sociologia da Infância. O objetivo é saber como está sendo o processo de inserção das crianças haitianas nas instituições educacionais de Sinop/MT e analisar como as escolas recebem e percebem as crianças. Verificar as experiências vivenciadas pelas crianças haitianas em relação as outras crianças/colegas, professores, gestoras e averiguar como elas são percebidas no contexto escolar. A pesquisa utiliza-se da investigação qualitativa com desenho etnográfico obtido por meio de entrevistas e observações. São sujeitos da pesquisa as crianças haitianas, pais, professores e gestoras. Os dados parciais apontam que nas escolas de Educação Infantil algumas crianças haitianas foram rejeitadas e discriminadas racialmente pelas crianças, mas também houve demonstrações de afeto e de solidariedade. Nas escolas públicas de Sinop/ MT, as crianças haitianas se tornam mais um negro estrangeiro e por terem dificuldades de falar na nossa língua elas são excluídas de algumas atividades e eventos escolares, a dificuldade de ser estrangeiro torna-se um problema das crianças haitianas e não da escola.

Palavras-chave: Crianças haitianas. Professores. Escolas.

INTRODUÇÃO

A migração¹ haitiana é uma realidade há muito tempo no país e intensificou após o terremoto de 2010. Esses migrantes procuram diferentes regiões do Brasil para morar, vem em busca de emprego e melhores condições de vida.

As cidades escolhidas em Mato Grosso são aquelas com perspectivas de desenvolvimento e com alta oferta de trabalho. Sinop possui essas características, com

¹ Acreditamos que o uso do termo migrante (no lugar de imigrante) e migração (no lugar de imigração) nos permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais. (COGO E BADET, 2013, p. 12).

apenas 42 anos de fundação destaca-se pelo seu desenvolvimento econômico e geográfico, e também por ser um centro universitário e de muitos serviços públicos.

A pesquisa em andamento ocorre em quatro escolas que recebem crianças haitianas: duas escolas de educação infantil² e uma municipal e outra estadual. Os dados foram gerados a partir de observações que ocorreram nas escolas no período de abril 2016 a fevereiro de 2017. São sujeitos da pesquisa cinco crianças haitianas. Neste artigo elas serão identificadas pelas iniciais de seu nome.

A questão norteadora é qual o impacto que a presença e a inserção das crianças haitianas trazem para o ambiente escolar? Para responder e atender os objetivos da pesquisa buscamos analisar o processo de como as instituições escolares recebem e percebem as crianças haitianas, assim como verificar as experiências vivenciadas por elas em relação às outras crianças, colegas, professores, gestores e averiguar como essas crianças são percebidas no contexto escolar pelos colegas, professores, gestores e pais de alunos.

A migração de Haitianos para o Brasil

O Haiti é um país situado no Caribe e ocupa uma pequena porção ocidental da ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, que partilha com a República Dominicana. (CONTINGUIBA e PIMENTEL, 2013).

Em 1804 o Haiti se tornou a primeira república negra a conquistar a independência e o fim da escravidão. Esse fato não foi suficiente para o país ter um sistema político que garantisse um projeto político e econômico para os haitianos.

O pecado original do Haiti, na cena mundial, é sua liberação. Os haitianos cometeram o inaceitável em 1804: um crime de lesa-majestade para um mundo inquieto. O Ocidente era, na época, colonialista, escravocrata e racista. Sustentava-se com a exploração das terras conquistadas. Assim, o modelo revolucionário haitiano assustou as Grandes Potências colonialistas e racistas. Os Estados Unidos somente reconheceram a independência do Haiti em 1862 e a França exigiu pesada compensação financeira para aceitar essa libertação. Logo, a independência é comprometida e o desenvolvimento entravado. Desde então o mundo nunca soube como tratar o Haiti e resolveu ignorá-lo. Começaram os 200 anos de solidão do Haiti no cenário internacional. (SEITEFUS, 2015, p.63).

² Portaria Nº067/2016 que dispõe sobre as denominações das unidades de Educação Infantil do Município.

Com o terremoto que ocorreu em 2010 a situação se agravou, o país foi praticamente devastado, e a partir desse fato ocorre a migração em massa de haitianos para outros países em busca de melhores condições de vida, oportunidades de trabalho e/ou estudos. Entre os países escolhidos está o Brasil, que naquele período vivia a preparação para a copa do mundo. (ETECHERE, ANAIS, 2014).

A opção pelo Brasil ocorre por aspectos sociais, políticos, econômicos e também raciais, por ter o país uma população, em sua maioria, negra segundo IBGE de 2010. No entanto, o sonho de ter um perfil populacional que se identificasse com os modelos europeus fez com que, historicamente em nosso país, o processo de migração fosse seletivo e restritivo, não era qualquer perfil racial ideal para morar aqui, o desejo era que a população, após a miscigenação forçada e anos de sistema escravagista, fosse branqueada. (DEMARTINE, 2011).

Haitianos em Mato Grosso: a chegada em Sinop

A partir de 1970, o estado de Mato Grosso passa por um novo processo de povoamento, cidades do extremo norte foram colonizadas para receber pessoas do sul, não só com objetivo de ocuparem as fronteiras, mas também devido ao excessivo contingente demográfico da região sul. “E a imagem do homem e de mulher de sucesso é do branco, sulista, sabedor, aproveitador das oportunidades oferecidas pela terra do progresso, como é representada pelos ideólogos da elite dominante.” (SOUZA, 2004, p.268).

Para os governantes, o povo vindo do sul eram mais dispostos ao trabalho, esse pensamento reflete na forma como muitas pessoas nativas ou moradoras de cidades tradicionais de Mato Grosso são percebidas, cidades sujas e desorganizadas porque fogem a arquitetura e organização urbana baseada nos moldes sulistas.

Com a divulgação na mídia pela empresa que colonizou SINOP, a cidade é vista como próspera, com ótimas oportunidades de emprego e isso fez e ainda faz com que pessoas de diferentes lugares do país venham para a cidade e região em busca de melhores condições de vida e de trabalho, ente eles, migrantes do Haiti. São cerca de

5.000.000³ haitianos que estão no estado de Mato Grosso, 200 haitianos moram em Sinop.⁴

Os haitianos a princípio vêm sozinhos, depois que conseguem emprego e condições financeiras buscam seus filhos e cônjuges para morar no Brasil, em função disso, a quantidade de estudantes haitianos tem aumentado a cada dia nas escolas públicas de Sinop. Atualmente são 10 crianças e adolescentes na rede pública de ensino.

Nessas migrações [...] de que participaram as crianças acompanhadas pelas suas famílias, foi possível perceber que não houve um deslocar juntos, contínuo, com o mesmo grupo [...]. São movimentos que provocam a “fragmentação” das famílias, pois enquanto alguns permanecem, outros migram, até para regiões mais distantes e o desejo de juntá-las foi uma expectativa, apresentada por várias crianças. (SILLER, 2011, p178).

O aumento de migrantes haitianos nas escolas e CEJAS fizeram com que tanto a Secretaria de estado de Mato Grosso - SEDUC quanto a Secretaria de Educação de Cuiabá divulgassem na mídia, a proposição de uma política pedagógica para atender a todos os migrantes que vivem em Mato Grosso, entre eles os haitianos.

Segundo reportagem publicada no site do governo, essa política teria uma matriz curricular com uma carga horária específica de língua portuguesa que é o componente curricular que os haitianos têm mais dificuldade. Segundo informações do site, o atendimento com o conteúdo pedagógico diferenciado começaria em 2016 com a ampliação de aulas de linguagens. Uma das iniciativas da SEDUC para melhorar a inserção dos migrantes na escola estaduais foi o seletivo⁵ para os professores e técnicos para o ano letivo de 2017, onde disponibilizou vagas para técnico de atendimento especial-TAE para a língua Criolo⁶ para atender os haitianos que se matricularam nas escolas do estado. Em Sinop duas escolas requisitaram vagas para a função, uma estadual de Ensino Fundamental e o Centro de Educação de Jovens e Adultos-CEJA.

Sociologia da Infância: as crianças como agentes sociais

³ FONTE: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/02/da-construcao-civil-para-culinaria-haitianos-encaram-opportunidades.html> . Acesso dia 02/06/2016

⁴ FONTE: <http://www.gcnovicias.com.br/geral/vereadores-aprovam-mocao-de-aplausos-para-equipe-da-ubs-sao-cristovao/22024696>. Acesso em 18/02/2017.

⁵ Portaria Nº 339/2016/GS/SEDUC/MT e Instrução Normativa Nº 008/2016/GS/SEDUC/MT. Disponível: <http://www.mt.gov.br/-/5209074-seduc-mt-abre-inscricoes-para-processo-de-atribuicao-nas-unidades-escolares>. Acesso dia 20/02/2016.

⁶ A língua oficial no Haiti desde 1987 é o crioulo haitiano (também conhecido como Kreyòl, em Francês). Kreyòl é falado por 100% da população, enquanto 8-10% dos haitianos consegue falar francês. Como todos os crioulos baseados em francês, Kreyòl é uma mistura de francês e das línguas africanas que os haitianos falam. (DUTRA e GAYER, 2015, s/n);

O estudo em andamento se insere na linha epistemológica da Sociologia da infância. São percursores desse debate no Brasil o trabalho de Florestan Fernandes com a publicação da monografia às “Trocinhas do Bom Retiro”. O estudo de Anieli Ginsberg (1950) sobre as Atitudes de um Grupo de Escolares de São Paulo em relação as crianças de cor e a pesquisa de Regina Bicudo (1995) que a partir das Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação a cor dos seus colegas focalizou os sentimentos e os mecanismos de defesa nas atitudes relacionadas com a cor dos colegas e a influência das relações intrafamiliares no desenvolvimento dessas atitudes (CRUZ, 2015).

Qvortrup (1994) e Corsaro (1997) se preocuparam com uma Sociologia da Infância que voltasse o olhar para a infância apreendida como objeto social, pois queriam contrapor as pesquisas conduzidas pela sociologia em geral e especificamente pela educação, que permitiram o apagamento e a marginalização da infância. (SIROTA, 2001).

A SI, ao tomar a criança e sua infância como lugar de suas pesquisas, cria campo teórico para “inventar a criança”, que se contrapõe radicalmente a outros paradigmas teóricos, como as referências do campo da Psicologia do Desenvolvimento e da própria Sociologia da Educação. (SARMENTO, 2012, p.237).

Nesta perspectiva, “a criança não é mais um ser passivo sujeito ao olhar do adulto e passa a ser um ser produtor de cultura” (PRESTES, 2013, p.304). A criança é percebida a partir de suas experiências com seus pares e sobre as relações que estabelece com o que e quem as cerca.

Para Sarmento (2008), a Sociologia da Infância se desenvolveu no mundo contemporâneo devido à necessidade de compreender como, até então, as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca antes a infância foi tão exposta à exclusão e ao sofrimento.

Para o autor, a realidade econômica mostra que a infância de muitos países subdesenvolvidos está suscetível à pobreza, principalmente as camadas sociais mais pobres e excluídas que habitam o interior dos países ricos, e especialmente as populações migrantes, e isso não só aumenta os fatores de risco para as crianças como também as desigualdades. E são elementos que devem fornecer subsídios teóricos e empíricos para nortear os estudos da Sociologia da infância. (SARMENTO, MARCHI, 2008).

Crianças haitianas na Educação Infantil e Ensino Fundamental: vivências no cotidiano escolar

As observações iniciaram em três escolas no mês de Abril e foram até Dezembro de 2016. Ficávamos um dia da semana em cada sala de aula durante o período matutino. Em 2017 acompanhamos durante um mês uma das crianças W.S.S. que foi transferida para outra escola.

Em janeiro de 2016 foram identificadas 5 crianças vindas do Haiti. No final de 2016 já eram 9 e no início de 2017 aumentou mais uma criança, assim são 10 crianças haitianas matriculadas nas escolas em Sinop. Faz parte da pesquisa somente 4 crianças haitianas. No período de observação, o menino R.M.T. tinha 12 anos e estudava no sexto ano de uma escola estadual; o menino R.G.T. tinha 8 anos de idade e estudava no segundo ano de uma escola municipal, eles são irmãos. E estudando na escola de Educação Infantil, o menino S.M.C. de 3 anos e uma menina, W.S.S. de 4 anos. Os meninos que estudam nas escolas de ensino fundamental chegaram em Sinop em Fevereiro de 2016. O menino que estuda na escola de Educação Infantil chegou em 2015 e a menina W.S.S. chegou no mês de Agosto de 2016. Ela estudou na creche II e esse ano ela está estudando no pré- escolar III. No texto as crianças serão identificadas pelas letras iniciais de seus nomes.

Foram realizadas entrevistas com as crianças haitianas do ensino fundamental, os pais, diretoras, professores⁷, técnicos de atendimento infantil – TDI e bolsistas do PIBID⁸ e CIEE⁹ que tiveram contato com as crianças haitianas em sala de aula. Foram quatro escolas observadas, duas de Educação Infantil, duas de Ensino Fundamental municipal e estadual. Neste texto apresentaremos um recorte dos dados gerados a partir das observações nas escolas. As escolas de Educação Infantil estão localizadas em um bairro centralizado e as de Ensino Fundamental são localizadas na periferia. Identificamos a maioria dos alunos que frequenta as escolas como sendo de baixo estrato social e de origem negra.

⁷ Dos professores observados, 3 eram homens e as demais mulheres. Em função desse perfil de gênero, neste trabalho utilizaremos a terminologia de gênero masculino quando se referir ao conjunto de professores, e na ação masculina o termo utilizado será professor e na ação feminina o termo utilizado será professora.

⁸ Programa institucional de bolsa de iniciação a docência

⁹ Centro de integração empresa escola.

Sobre os professores que receberam alunos estrangeiros em suas salas, somente em uma das escolas de Educação Infantil, eles foram informados pelas gestoras, nas demais alguns professores só descobriram devido à presença das pesquisadoras na sala de aula. A escola de Educação Infantil que recebeu W.S.S. em 2017, somente a diretora mencionou ter uma criança haitiana na escola, o professor da sala não comentou em nenhum momento sobre a origem de W.S.S.

Os dados parciais mostram que uma das primeiras dificuldades que as crianças haitianas encontram na escola é em relação à língua, contudo, aprendem muito rápido a falar a língua portuguesa, mas para compreender o que o outro fala é um processo mais lento. Em casa,¹⁰ na escola, entre si, as crianças haitianas falam a sua língua nativa, [...] a manutenção da língua materna, no cotidiano familiar e nas escolas, era uma das maneiras de manter a cultura e as vinculações com a sociedade de origem, além de permitir a comunicação entre os próprios imigrantes, bem como a coesão do grupo. (DEMARTINE, 2004, p.223).

São os pais, os que mais sabem falar o português, com exceção da mãe de R.G.T. e R.M.T., pois foi quem veio primeiro para o Brasil e depois de um ano, o marido e filhos. As outras mães dos alunos pesquisados não falavam muito bem o português, e observamos que elas têm muitas dificuldades para se comunicarem com os professores da escola e ficavam constrangidas por isso.

a escola não observamos interesse dos professores dos alunos haitianos em saber sobre a sua língua, A maioria dos professores e gestoras deduziu que eles falavam francês¹¹ e diziam isso para nós e para as outras pessoas que tinham contato com as crianças. Demartine (2004) ao analisar o migrante e sua língua de origem diz que a língua francesa ou inglesa sempre foi um elemento diferenciador e que conferia distinção a quem falasse, talvez seja por isso que os professores e gestores, que não distinguem francês de crioulo, se admiram com a língua que eles pensam que os haitianos e da pesquisa falam.

Os professores não sabem sobre a língua nativa das crianças, não perguntam e não valorizam a língua falada por elas, mas valorizam o francês, isto porque essa língua

¹⁰ Em várias situações de contato com as crianças (festa junina, comemoração do dia dos pais, festas das crianças, noite cultural, festa de encerramento do ano letivo) e por ocasião das entrevistas com os pais.

¹¹ kreyòl é o idioma falado por mais de 90% da população haitiana e só foi reconhecido como segundo idioma oficial do Haiti em 1986. (ROSA, 2006).

é o idioma dos grupos historicamente dominantes, assim é através da linguagem que criamos e vivenciamos significados. “Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura”. (FANON, 2008, PREFÁCIO escrito por LEVIS GORDON, p.15).

Das crianças observadas, somente R.M.T., de 12 anos entende um pouco francês, porque mesmo sendo a língua oficial do Haiti, os haitianos só aprendem a língua francesa se frequentam e concluem o processo de escolarização; aqueles que pouco frequentaram ou mesmo quem não frequentou a escola do Haiti, como é o caso das crianças que estão na Educação Infantil, a língua falada é o crioulo¹².

Apesar de ser a língua falada por quase a totalidade da população, ou seja, pouco mais de 5% domina o francês (RODRIGUES, 2008; DEGRAFF, 2013; MARQUES, 2012), o seu reconhecimento e marcado por lutas políticas e sociais. (PIMENTEL; CONTINGUIBA; RIBEIRO, 2015, p.37).

As crianças e seus pais enfrentam um outro problema em relação a língua, a comunicação com as escolas, que poderia facilitar a interlocução com as famílias se por exemplo, os cartazes nos portões e nas agendas fossem em crioulo.

Teve um dia de vacinação¹³ na escola e o bilhete foi enviado com uma semana de antecedência, comunicando que os funcionários da secretaria de saúde iriam realizar exames de sangue, urina e de visão nas crianças. Junto com o bilhete foi a autorização e também um questionário que os pais teriam que assinar e responder com informações sobre a criança. Observamos que R.G.T. não trouxe a autorização. Ao conversarmos com a mãe dele, ela nos disse que não sabia da vacinação, observamos que isso ocorre também em relação a algumas reuniões, festas, eventos e confraternizações. As escolas que recebem as crianças poderiam fazer os cartazes ou bilhetes com os recados na língua crioulo, o google tradutor oferece essa opção.

Dos catorze professores que ministraram aulas para as crianças pesquisadas, somente o professor de inglês e uma professora da educação infantil se preocuparam em estabelecer uma forma de comunicação com as crianças. Eles baixaram aplicativos em seus celulares que traduziam o francês para o português e vice versa. Segundo o professor, intenção foi tentar se comunicar com os pais, passar informação e recados para os mesmos sobre a criança no período de adaptação.

¹² Para poder discernir o crioulo do francês fiz aulas com um trabalhador e pai de aluno pesquisado, ele foi professor no Haiti e aqui no Brasil trabalha como gerente de um restaurante na cidade.

¹³ Diário de campo 29/06/2016.

O professor de inglês quis saber como R.M.T. gostava de ser chamado, pois tinha nome composto. Esse mesmo professor nos contou que tinha pesquisado sobre o Haiti e em uma de suas aulas pediu para os alunos nomearem as cores em inglês e um deles falou “cor de pele”, ele retrucou imediatamente:

-Isso é uma tremenda besteira, nós temos diferentes cores de pele (Diário de campo 26/08/2016).

Outra observação interessante foi que as bolsistas do PIBID e do CIEE demonstravam carinho e atenção com as crianças haitianas. Uma que ficava na sala de W.S.S., sabendo que os pais estavam desempregados, colocava em sua mochila bolachas e frutas (que eram servidos no lanche) para ela levar para casa.

Goffman (2004), podemos considerá-la uma “informada”, ou seja, alguém “normal” que simpatiza com o estigmatizado. Essa característica da professora favorece tanto as formas de acolhimento quanto o processo de adaptação das crianças imigrantes [...]. (FREITAS; SILVA, 2015, p.869).

Sobre a percepção que os professores tiveram das crianças haitianas, a maioria informou que eles eram diferentes, tinha um tom de pele diferenciado, eram muito limpinhos, muito educados e respeitosos com os professores. Nesse sentido, a surpresa com as qualidades das crianças haitianas refletem como os negros são percebidos em nossa sociedade, pois vindos de um país pobre e miserável, estão em dissonância com os estereótipos e estigmas atribuídos ao negro no Brasil.

O menino S.M.C. foi mencionado pelas professoras, TDIs e bolsista como uma criança que não gosta de tomar banho, lento, devagar, com limitações físicas e cognitivas. Foram inúmeras vezes a menção ao comportamento dele. Veja esses diálogos entre a técnica de atendimento infantil e a bolsista quando ouviram S.M.C. chorando no banheiro, na hora do banho e um outro dia, quando estávamos no parque:

-Alguém molhou o cabelo dele e ele não gosta

A bolsista respondeu:

-Ele não gosta é de tomar banho, ele veio do Haiti, lá eles não gostam de tomar banho- lá não tem água. (Diário de campo 14/07/2016).

-S.M.C. vai usar fralda até o ano que vem do jeito que é lento. Não sabe nem o que é fralda, a gente fala tira a fralda ele fica sem saber o que é. (Diário de campo 26/11/2016).

Sobre a estética negra, a mãe de W.S.S. arruma os cabelos dela com muito capricho, inclusive ela nos lembra a personagem do livro “ As tranças de Bintou¹⁴”, seus

¹⁴ As tranças de Bintou - Silviane A. Diof

cabelos crespos tem penteados africanos com enfeites coloridos de acordo com a cor de suas roupas. Esse foi um motivo de muitos elogios às mães das crianças pelos professores das escolas, pela dedicação, empenho e capricho com o cabelo, como se fossem características não compatíveis com uma pessoa da cor. Esse pensamento reflete a percepção dos brancos relacionando os negros à sujeira, à desorganização.

O sujeito negro encontra a negatividade tanto de sua ascendência cultural africana quanto do seu fenótipo o que o leva a desejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação a realidade do seu corpo e de sua história étnica e pessoal. (SANTOS, 2005, p.68).

Entre as crianças da educação infantil observamos falas preconceituosas e comportamento racista dos colegas de sala da menina W.S.S. sobre a cor e os traços fenotípicos dela. Vejam esse episódio que aconteceu em sala de aula.

W.S.S. foi chegando perto da carteira dos meninos Y.V.G.S., de cor parda¹⁵ e M.W.C., de cor branca. A criança de cor parda falou:

-Sai daqui!

E continuou:

-Sai daqui negra!

W.S.S. olhou para eles e ficou ali sem dizer nada. Acreditamos que não compreendeu o que ele falou. Aproveitamos que a professora não estava perto e perguntamos:

-Por que não quer ela aqui?

M. W.C. não soube o que dizer e ficou quieto, o menino Y.V.G.S. falou:

-Por que ela é fedorenta, tem cheiro de bosta.

O menino M. W.C. disse:

-Isso mesmo!

Y. V.G.S. voltou a falar:

- O cabelo dela é estranho! Cheio de coisas! Ela parece... E não disse mais nada. (Diário de campo 16/02/2107).

Na sala de aula, a menina I.M.R.S., branca de cabelos encaracolados, não deixou W.S.S. sentar ao dela várias vezes, nem queria que ela encostasse em sua mochila e

¹⁵Atribuição de cor realizada pela pesquisadora com parâmetros as categorias de cor utilizada pelo IBGE e também dos traços fenotípicos. A classificação por cor [...] teve como critério não somente a cor da pele, mas é um conceito extensivo, que considera também a textura dos cabelos, a forma do nariz e a cor e espessura dos lábios. (OLIVEIRA, 1999, p.48).

empurrava W.S.S. com o pé. No intervalo escolar W.S.S. foi sentar com seu pratinho de comida perto dela e ela não deixou. Perguntamos a I.M.R.S.:

-Por que você não deixou W.S.S. sentar aqui do seu lado?

Ela olhou e respondeu com voz dengosa.

-Por que ela não é princesa!

Perguntamos para ela o que uma princesa teria de ter e ela respondeu:

-Ser linda, maravilhosa, educada e de cabelos longos. (Diário de campo, 21/02/2017).

Dentro desse contexto, as crianças brancas e negras aprendem que o “outro”, que não é representado na escola, não é somente invisível como também desconhecido, um subalterno. No imaginário ocidental construído, é que “humanos”, “civilizados”, “cultos” são os brancos. O negro é visto de forma racializada e, portanto, não é humano, não é civilizado, não é culto e não pode se príncipe e nem princesa.

Esses modelos construídos socialmente são os que correspondem ao ideal de branquitude¹⁶ que tão bem ilustram os clássicos da literatura utilizada nas escolas brasileiras: Rapunzel, Branca de neve, Cinderela e agora, não tão clássica, a Frozen. São modelos que não contemplam o perfil étnico de nosso país, mas são idealizadas pelas crianças.

As crianças pequenininhas aprendem a diferenciação racial através das relações que estabelecem com o mundo, passando a fazer suas escolhas afetivas e a desenvolver suas relações interpessoais e, assim, a partir de suas experiências começam a fazer diferenciação dos sujeitos com base na cor da pele. (SANTIAGO, 2014, p.54).

O racismo na Educação Infantil não é algo novo nas pesquisas, mas não deixa de causar incômodo por ainda nos depararmos com esse tipo de comportamento numa sala de aula que de 25 alunos matriculados, 20 frequentavam diariamente, deste total, 8 eram de cor¹⁷ branca, 4 meninas e 4 meninos; 2 eram de cor preta e o restante era de cor parda com cabelos crespos e lisos.

A menina N.M.S., que é de cor preta e de cabelos lisos, estava conversando com a menina Y.V.O.M., que é parda de cabelos crespos, quando esta perguntou quem era amiga dela. N.M.S. mostrou com o dedo as meninas sentadas do outro lado da sala e disse:

¹⁶ GIROUX, Henri. **Por uma Pedagogia e política da branquidade**. Cadernos de pesquisa, nº 107, 87 - 132, julho/1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a04.pdf>. Acesso em 15/02/2016.

¹⁷ Heteroatribuição da cor feito pela pesquisadora do dia 23/02/2017.

-Aquela preta não é minha amiga, só aquelas duas.

Ela se referia E.A.X. e I.M.R.S. duas meninas de cor branca. (Diário de campo 17/02/2017).

Esse comportamento ocorreu com a maioria das crianças, na hora que a professora propunha atividades com músicas que envolvia abraço ou aperto de mãos, W.S.S. praticamente não recebia esse contato físico. Fazzi (2004) diz que o preconceito racial entre crianças se constitui em espaço e tempo privilegiados, nas interações as noções de raça é aprendida, experimentada e testada pelas crianças, a pesquisadora afirma que nessa fase esse sentimento ainda está em elaboração e é possível que se reverta.

É preciso ressaltar que o comportamento racista nas crianças não é rígido, um exemplo foi o que aconteceu com W.S.S., ela bateu a boca na pia do banheiro acidentalmente e sangrou muito, tanto a menina I. M. R. S quanto o menino M.W. C., que tiveram atitudes racistas com ela foram extremamente solícitos, cuidando e preocupados com ela estar chorando e perdendo sangue. Aliás, todas as crianças tiveram comportamento semelhante. E a partir desse acidente observamos mudanças nos comportamentos de algumas crianças em relação a W.S.S.

Corsaro fala sobre a “reprodução interpretativa” (2011) contrapõe-se à visão de reprodução passiva, afirmando que as crianças expressam interpretações e atitudes que auxiliam no processo de configuração e de transformação das formas sociais. Desse modo, [...] não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos. As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas. (SARMENTO, 2000, p.152).

As crianças têm condições de “perceber e reinterpretar a realidade, construindo novos significados, tempos e diálogos, ajudando-nos a enxergar outras possibilidades diante do que nos é colocado como natural e inquestionável”. (CASTODI, 2011, s/n).

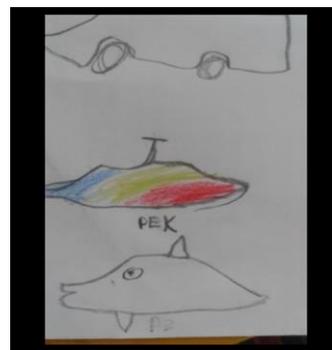
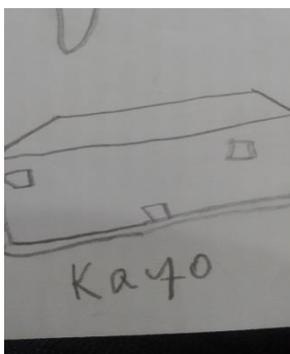
O racismo ainda em elaboração poderia ser transformado, são crianças pequenas, e estão em constantes mudanças, constantes aprendizagens, no entanto a escola é omissa nas questões raciais. Essa omissão contribui para que as crianças sejam racistas mesmo quando acolhem e se importam, pois provavelmente elas serão adultos racistas. Certamente esse compromisso não é só da escola, mas sem dúvida deve começar por ela.

As crianças haitianas nas escolas também enfrentam problemas em relação a repertório cultural, por exemplo, eles não conhecem os clássicos de literatura que as instituições educacionais no Brasil utilizam em salas de aula, como também desconhecem a tradução de alguns nomes e conceitos de nossa cultura. Observamos isso quando o professor da turma da W.S.S. contou a história de “Chapeuzinho vermelho”, e após leitura e interpretação da história, solicitou que as crianças desenhassem os personagens. W.S.S ficou com olhando o papel sulfite e nos perguntou:

-É para desenhar a banana?

Respondemos que não, era para desenhar os personagens da história. Ela virou e ficou olhando a colega para ver o que ela estava desenhando e depois começou a desenhar uma pessoa. Banana foi a fruta servida de sobremesa no lanche.

Veja o que ocorreu com aluno R.G.T., após a professora contar a história da “Bela e a fera” e pedir para os alunos desenharem os personagens da história:



Pedimos para ver o desenho de R.G.T., ele mostrou e começou a nomear, apontando com o dedo, a bandeira do Haiti, minha casa e um peixe. “Os lugares em que o indivíduo viveu ou vive são responsáveis pela constituição de sua maneira de ser, assim como garantem a continuidade desse ser” (DAL-GALLO; MARANDOLA- JR, 2009, p.4).

Dentre os lugares dos quais o migrante se desliga possivelmente a maior perda seja a sua casa. Lugar por excelência (BACHELARD, 1993), a casa é onde a sensação de pertencimento, conforto e segurança são máximas. A casa pode ser entendida como o lugar mais personificado do indivíduo, no qual cada detalhe é um reflexo das suas vontades e interesses. O inverso também é verdadeiro, a casa como “fundamento espacial do ser-no-mundo” (MARANDOLA JR., 2008b, p. 170) será o lugar mais absorvido e

internalizado, sendo base constituinte da identidade e da forma de ser do indivíduo. A casa é onde a pessoa busca seu lugar no mundo. (DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2009, p.5).

Observamos que R.G.T. falou com a voz embargada de emoção, acreditamos que por sentir saudades e ser recente sua vinda para o Brasil, enquanto as demais crianças desenharam fatos relativos a história contada pelo professor, ele desenhou elementos que lembravam sua terra, seu país. Segundo Lopes (2003), as crianças que migram, que se deslocam no espaço geográfico por motivos diversos, quase sempre acompanhando as suas famílias, vivem sua infância de forma fragmentada, sendo desterritorializadas do seu próprio lugar de origem.

Em relação a história contada pela professora, acreditamos que R.G.T. não compreendeu a história pela questão da língua, porque não faz parte do repertório cultural dele, ele preferiu retratar elementos do Haiti, retratando seu estado emocional em relação ao seu país de origem. A história da “Bela e da Fera” não era conhecida por ele. Um dia ele levou na aula um caderno de pinturas (que ele ganhou na catequese da igreja evangélica que ele frequenta) com desenho da Branca de Neve e os sete anões para pintar. Ele nos mostrou e perguntamos quem era os personagens, ele não soube dizer quem era, perguntamos para uma brasileira e ela nomeou os personagens principais.

Conclusões

Durante as observações, constatamos que no espaço da Educação Infantil as crianças ainda estranham e tem preconceito racial contra as crianças negras que tem a pele mais escura e cabelos crespos, mas que esse preconceito não é rígido e fixo podendo reelaborado e transformado em sentimentos diferentes.

Nas escolas de ensino fundamental foi perceptível o preconceito velado pelos professores e pelas meninas. Mas mesmo assim, tanto as meninas quanto os meninos demonstravam solidariedade em relação aos colegas haitianos. Havia entre os meninos principalmente, troca de brincadeiras e expressões, um ensinando palavras na língua um do outro.

As escolas que recebem alunos haitianos de uma certa forma prejudica os alunos haitianos porque não promovem estratégias para superar a dificuldades da língua. As

crianças muitas vezes, deixam de participar de atividades que as escolas realizam devido a dificuldade de comunicação.

Os professores e a escola pouco amenizam as dificuldades que as crianças encontram na escola, na maioria das vezes, é ela que tem de buscar estratégias para resolver os problemas que encontram no escolar.

Constatamos que nas escolas pesquisadas, a cor da criança haitiana se soma à condição de ser estrangeira e de ser pobre. Nesse sentido, na escola ela sofre triplo preconceito: de raça/cor, de nacionalidade e de classe. Certamente se fosse de nacionalidade francesa, de cabelos lisos e olhos azuis isso não aconteceria. Ser negra e ter cabelos crespos faz com que as crianças haitianas sejam percebidas como feias, sujas, exóticas e, portanto, sofrerem todos os estigmas e estereótipos que são atribuídos aos negros no Brasil.

Referencias bibliográficas

CASTODI, Geane. Cosmopolitismo Infantil: qual o lugar da criança na contemporaneidade?. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 13, n. 23, p. 33-51, abr. 2011. 980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2011n23p33>>. Acesso em: 24 fev. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2011n23p33>.

COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Badet. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humaitas; Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. (Coleção: Guias De Diversidade Cultural Para Comunicadores).

CRUZ, Ana Cristina Juvenal. **Relações raciais entre crianças na cidade de São Paulo**: as pesquisas do projeto UNESCO. 37ª Reunião Nacional da ANPED. Florianópolis: UFSC. 04 a 08 de out. 2015.

DEMARTINI, Zélia de Brito F. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. In **Pro-Posições**, v. 15, n. 3 (45) - set./dez., p. 215-228, 2004.

DEMARTINI, Zélia de Brito F. **Imigrantes**: entre políticas, conflitos e preconceitos. *Cadernos Ceru*, v. 21, n. 2, 03, p.49- 2011.

DUTRA, Cristiane Feldmann. GAYER, Suely Marisco. **A Inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil**. In. Seminário internacional de demandas sociais e políticas na sociedade contemporânea. VIII mostra de trabalhos jurídicos científicos, 2015. Passo Fundo. Anais eletrônicos. Disponível em <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/13067/2282>. Acesso em 19/07/2016.

ETECHEBERE, Rafaela Gava. **Haitianos no Brasil: reconfigurações do parentesco a partir das crianças em meio adyáspora**. 38º Encontro Anual da Anpocs. 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. prefácio de Lewis R. Gordon EDUFBA. Salvador, 2008.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FRANCISCHINI, Rosângela; FERNANDES, Natália FERNANDES. **Os desafios da pesquisa ética com crianças**. Estudos de Psicologia I Campinas I 33(1) I 61-69 I janeiro – março, 2016.

FLORESTAN, Fernandes. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. In **Pro-Posições**. V. 15, n.1 (43) – jan./abr. 2004

FREITAS, Marcos Cezar; SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões**. Cad. Pesqui. [online]. 2015, vol.45, no.157, pp.680-702. ISSN 1980-5314. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/198053143246>. Acesso em: 29/03/2016

LOPES, Jader Janer Moreira. OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Infância e relações étnico-raciais. Percursos pelos trabalhos da ANPED – GT 21 e 07. In **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 227-248, 2015.

MARANDOLA JR, Eduardo. DAL GALLO. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. VI Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte – Agosto, 2009.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. Etnia, cultura e memória: o processo escolar entre Imigrantes em perspectiva histórica. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 3, n. 5, p. 63 - 75, jan/jul 2008.

OLIVEIRA, Fabiana de. **Um Estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2004.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: Construções da infância e da Juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

PIMENTEL, Marília L.; COTINGUIBA, Geraldo C.; RIBEIRO, Ailton A. S.. **O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político**. Universitas relações internacionais, v.14, n.1, p. 31-40, 2016.

PRESTES, Zoia. **A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações**. In. **Das crianças nas instituições e das crianças (in)visíveis: entre a sujeição e as possibilidades criativas**. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 295-304, maio/ago. 2013.

SANTIAGO, FLAVIO SANTIAGO. **"O meu cabelo é assim ... igualzinho o da bruxa, todo armado."** Hierarquização e racialização das crianças pequenininhas negras na educação infantil. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Estadual de Campinas. CAMPINAS, 2014.

SANTOS, Maria W.. Crianças no tempo presente: a Sociologia da Infância no Brasil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 235-240, maio/ago. 2012.

SANTOS, Angélica P.; Maquézia S. F. dos SANTOS; COTINGUIBA, Maria L. **A Inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho**. http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513_29_06_2015_00-38-24_8355.PDF. Acesso: 29/03/2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI Rita de Cássia. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica, **Configurações** [Online], 4 | 2008, posto online no dia 12 Fevereiro 2012, consultado o 26 Fevereiro 2017. URL: <http://configuracoes.revues.org/498> ; DOI :

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti**: dilemas e fracassos internacionais. Ijuí: Ed.Unijuí, 2014. (Coleção Relações Internacionais e globalização; 47). 0.4000/configurações. 498.

SILLER, Rosali Rauta. Infância, **Educação Infantil, Migrações**. Tese (doutorado)– Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar., 2001.

<http://www.cuiaba.mt.gov.br/educacao/secretaria-de-educacao-elabora-politica-de-educacao-migratoria/14164>. Acesso dia 10/02/2017.

<http://www.mt.gov.br/-/mato-grosso-tera-uma-politica-pedagogica-para-imigrantes>. Acesso em 20/02/2017.